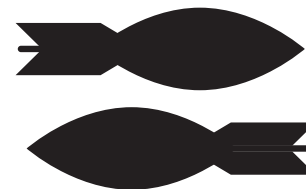




CINCO TRAVESSIAS
DO INFERNO

Martha Gellhorn

CINCO
TRAVESSIAS DO
INFERNO



PREFÁCIO DE
CARLA BAPTISTA

TRADUÇÃO DE
RAQUEL MOUTA

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X I X

ÍNDICE

Prefácio, *por Carla Baptista* 9

Introdução 15

1. Referências 19

2. Os tigres do sr. Ma 27

3. Passeios de barco 89

4. No coração de África 149

5. Um olhar sobre a Mãe Rússia 315

6. O tédio de cada um 369

7. Não-conclusão 379

Nota biográfica 381

© 2019, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *Travels with Myself and Another. Five Journeys from Hell*
© 1978, Martha Gellhorn

Título: *Cinco Travessias do Inferno*
Autora: Martha Gellhorn
Prefácio: Carla Baptista
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Tradução: Raquel Mouta
Revisão: Tinta-da-china (C.H. Marques)
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Março de 2019

ISBN 978-989-671-482-6
Depósito Legal n.º 452205/19

PREFÁCIO

Carla Baptista

Um mau leitor, ou apenas alguém apanhado desprevenido, talvez sinta a tentação de pedir a este livro o habitual: leva-me contigo, Martha. Afinal, é um livro de viagens e as pessoas tendem a ignorar os avisos contidos no título. Talvez pensem: parece que vamos atravessar cinco vezes o inferno, ou serão cinco infernos?, desviando a sua atenção do essencial. Se já se cruzaram noutras aventuras com a autora, a jornalista norte-americana Martha Gellhorn, ou se conseguirem lembrar-se de mais detalhes sobre a sua vida do que o facto, apesar de tudo significativo, de ter sido casada com o escritor Ernest Hemingway, saberão que não é boa companhia para uma viagem de lazer. Sempre teve tendência para aterrar em sítios perigosos, incluindo em sete cenários de guerras, num arco temporal que vai desde os anos 30, com a Guerra Civil em Espanha, até aos anos 90, com a invasão do Panamá pelos Estados Unidos. Martha Gellhorn começou a sua vida de jornalista e viajante aos 25 anos, a mais nova de uma equipa de 16 repórteres contratados em 1931 por uma agência federal (Federal Emergency Relief Administration) para viajarem pelos Estados Unidos e contarem os efeitos da Grande Depressão. O salário era *vouchers* de viagem e um *per diem* de cinco dólares, e a missão, muito clara. Nada de números nem estatísticas, mas histórias, destinadas a um leitor ilustre: o presidente Roosevelt que, numa iniciativa inédita, confiou a jornalistas a recolha de informação para documentar o impacto da crise na vida das pessoas. A última viagem de Gellhorn ocorreu poucos anos antes de morrer, em 1998, aos 89 anos, em Londres. Escolheu ir ao Brasil entrevistar crianças faveladas e alertar para a pobreza. Ian

Jack, editor da revista *Granta* entre 1995 e 2007, contou no *The Guardian* como, em 1996, recebeu um telefonema de Martha Gellhorn para tomarem uma bebida no seu apartamento com vista para os telhados do Harrods. Era a sua 11.^a residência permanente, e o sétimo país em que vivia. Ian Jack recebeu um manuscrito dactilografado por uma assistente, em letras maiúsculas, para que a própria autora, então com 87 anos, doente e quase cega, o conseguisse ler, entregue com uma pergunta: desejava a *Granta* publicar o último artigo de Martha Gellhorn? Não era suficientemente bom, e a mais famosa revista literária do mundo não podia aceitá-lo, mesmo se Martha Gellhorn era uma lenda viva, a mulher que cobriu os conflitos mais dramáticos do século xx para as publicações mais interessantes (a *Collier's* nos anos 30 e 40, a *Atlantic Monthly* e o *The Manchester Guardian* nos anos 60, a *Granta* nos anos 80), com uma intuição e uma convicção no dever testemunhal do jornalismo, que a fez sempre estar nos sítios certos às horas certas. O seu amigo e jornalista australiano John Pilger — outro *maverick* do jornalismo e um dos que integravam o grupo restrito de amigos que a visitavam nos finais de tarde no apartamento do bairro de Chelsea para muitas bebidas, pouca comida e conversas memoráveis — descreveu o método de Gellhorn para ir atrás de uma história: «Cheira-me a rato.» Na qualidade de «estudiosa das desgraças», ela também podia responder ao chamamento simplesmente porque ouvia o nome Suriname («tinha de conhecer um sítio com um nome destes»). Na «não-conclusão» que encerra este livro, um criterioso relato das cinco «melhores horrorosas viagens» pela China, ilhas caribenhas, África, Rússia e Israel, há uma resposta para definir o pior que pode acontecer ao viajante: o tédio. E, durante uma das viagens (não é difícil adivinhar qual se dissermos que envolve nadar nua em enseadas de água coralina), Martha Gellhorn descobriu o estado de graça «que se pode chamar felicidade com todo o direito, em que corpo e mente rejubilam por completo e em uníssono». Talvez o mau leitor tenha razão: leva-me contigo, Martha.

*Para Diana Cooper,
com amor eterno*

*O bom viajante não sabe para onde vai.
O grande viajante não sabe onde esteve.*

CHUANG TZÛ

Salta antes de olhar.

ANTIGA MÁXIMA ESLAVA

«— *Oh S., as vistas são piores do que as viagens.*»

SYBILLE BEDFORD, *A Visit to Don Otavio*

INTRODUÇÃO

Nem todos podemos ser Marco Polo ou Freya Stark, e no entanto há milhões de pessoas a viajar. Os grandes viajantes, do presente ou do passado, constituem uma classe à parte, são profissionais sem igual. Nós somos amadores, e embora tenhamos os nossos momentos de glória também nos cansamos, os nossos espíritos fraquejam e sucumbimos ao rancor. Quem é que nunca ouviu, sentiu, pensou ou disse, no decurso de uma viagem, palavras do género: «Voltaram a perder a bagagem? Por amor de Deus...» «Fizemos esta viagem toda só para ver isto?» «Por que raios é que eles fazem tanto barulho?» «Isto é que é um quarto com vista?» «Mais depressa lhe dava um pontapé nos dentes do que uma gorjeta.»

Mas perseveramos, fazemos os possíveis para ver o mundo e damos as nossas voltas; vamos a todo o lado. No regresso, ninguém está disposto a ouvir as nossas histórias de viajantes. «Como correu a viagem?», perguntam-nos. «Às mil maravilhas», respondemos nós. «Em Tbilisi, vi...» Olhar perdido. Assim que a boa educação o permite, ou mesmo antes disso, a conversa volta às novidades locais, como os boatos, o escândalo político mais recente, quem leu o quê, o que passou na televisão na noite anterior; as pessoas preferem falar sobre o tempo do que ouvir os nossos fantásticos relatos sobre Copenhaga, o Grande Canyon, Catmandu.

O único aspecto das nossas viagens que dá garantias de prender a atenção do público são as desgraças. «O camelo atirou-te ao chão junto à Grande Pirâmide e partiste uma perna?» «Perseguiste o carterista pelo meio da Galeria de Nápoles e pela cidade inteira, e perdeste os cheques de viagem *todos* e o passaporte?» «Ficaste fechada numa *sauna* de Viipuri e ninguém sabia de ti?» «Apanhaste ptoimaína

por comeres *olbos de ovelha* num banquete druso?» É disso que eles gostam. Mal podem esperar que acabemos para se lançarem nas suas próprias histórias de sofrimento em terras estrangeiras. A verdade é que estimamos as nossas desgraças e, neste aspecto, temos vantagem sobre os grandes viajantes, que reúnem os mais elevados requisitos para o trabalho mas não têm sentido de humor.

Eu raramente leio livros de viagens, prefiro viajar. Este não é propriamente um livro de viagens. Depois de apresentar as minhas referências para que o leitor acredite que eu sei do que falo, faço um relato das minhas melhores viagens horrorosas, escolhidas a dedo entre uma ampla selecção, recordadas com ternura agora que fazem parte do passado. Todos os viajantes amadores passam pela experiência de ter viagens horrorosas, compridas ou curtas, mais cedo ou mais tarde, de uma forma ou de outra. Como estudiosa das desgraças que sou, já reparei que reagimos da mesma maneira às nossas tribulações: com crispação e amargura no momento, e depois com orgulho. Nada faz melhor à auto-estima do que a sobrevivência.

Viajar exige resistência a sério, e cada vez é pior. O leitor lembra-se dos bons velhos tempos em que havia paquetes e não bandidos; de quando os hotéis estavam construídos e acabados antes de lá se chegar; de quando os principais sindicatos não estavam em greve no seu ponto de partida ou de chegada; de quando se serviam doses generosas de manteiga e compota ao pequeno-almoço, e não aqueles recipientezinhos de celofane e cartão; de quando o tempo era fiável; de quando não era preciso planear a viagem como se de uma operação militar se tratasse e fazer reserva prévia com depósito incluído; de quando o Mediterrâneo era limpo; de ser uma pessoa e não uma ovelha, arrebanhada em aeroportos, estações de comboio, elevadores de pistas de esqui, cinemas, museus, restaurantes, no meio de outros companheiros ovinos; de quando se sabia quanto valia o dinheiro noutras moedas; de quando se tinha confiança de que tudo correria bem em vez de se pensar que será um milagre se tudo não correr mal?

Não somos heróicos como os grandes viajantes, mas apesar disso nós, os amadores, somos uma raça bastante rija. Por muito horrenda que tenha sido a última viagem, nunca perdemos a esperança relativamente à próxima, sabe lá Deus porquê.

I. REFERÊNCIAS

A ideia deste livro apoderou-se de mim estava eu sentada numa praiazita horrível do extremo ocidental de Creta, entalada entre um sapato encharcado e um bacio cheio de ferrugem. À minha volta, o lixo da nossa espécie. Acometeu-me a sensação deprimente de que tinha passado a vida a fazer aquele tipo de coisas e podia perfeitamente acabar ali os meus dias. É a noite escura e funda da alma do viajante, e pode acontecer em qualquer sítio e a qualquer hora.

Ninguém me sugerira nem recomendara aquele esgoto. Encontrei-o sem ajudas, estudando um mapa no voo nocturno barato para Heráclion. E fiquei muito satisfeita comigo mesma por ter sido tão prática; antes de saltar para o desconhecido até telefonei para o Turismo da Grécia, em Londres, que me enviou um mapa de Creta, uma lista de hotéis e as habituais brochuras turísticas redigidas naquela habitual prosa rebuscada. Leitura para o avião.

Lá longe, isolado numa baía, ficava Kastelli, e nesse lugar havia um hotel de duas estrelas. Era exactamente isso que eu queria; longe das zonas mais conhecidas, aquele hotel de duas estrelas era certamente uma pequena e pitoresca taberna, limpa, sem água corrente, mas com um caramanchão de videiras. Visualizei Kastelli como uma aldeia piscatória intocada, com casas que mais pareciam cubinhos de açúcar, aglomeradas junto a uma praia de areias douradas. Passaria os dias a nadar em águas magníficas, o objectivo da minha viagem; à noite, beberia *ouzo* debaixo do dito caramanchão enquanto os pescadores dançavam à luz da Lua como o Zorba.

De Heráclion a Kastelli tive de apanhar três autocarros e levei tanto tempo como de Londres a Nova Iorque num avião Jumbo. Em todos os autocarros tocava uma música ambiente arabizante.

Kastelli tinha duas ruas de edifícios atarracados de cimento, que se dividiam por casas e lojas; o Egeu não se via. O hotel de duas estrelas era uma caixa de cimento com três andares; o quarto era um cubículo com um belo sortido de moscas mortas, mosquitos esmagados nas paredes e bolas de pó e cabelos a rolar pelo chão. A população de Kastelli parecia, sem grande surpresa, mergulhada numa melancolia muda, à semelhança do proprietário do hotel de duas estrelas, do qual era a única hóspede, igualmente sem grande surpresa. Numa parede da estação dos correios, mesmo em frente ao meu quarto, um entusiasta politizado pintara um *slogan* com grandes letras pretas. «*Amepikanoi*» era a primeira palavra, e eu não precisava de saber nada de grego para perceber que ali estava escrito «Ianque, Vai-Te Embora». Podes crer, com todo o gosto, mal posso esperar para fazer isso; mas não havia forma de sair dali até partir o próximo autocarro, no dia seguinte à tarde.

Eu realizara esforços prodigiosos para chegar àquela armadilha letal com o objectivo de nadar, e assim iria fazer. De manhã, caminhei uns vinte minutos e pelo caminho vi uma fábrica abandonada, e umas vivendazitas hediondas e desocupadas. Cheguei assim a um café à beira-mar, que servia comida inenarrável e onde se podia trocar de roupa nuns arrumos cheios de batatas bolorentas. E lá fui para a praia, que mais parecia uma pequena lixeira, onde o mar vinha depositar mais lixo em cima dos maços de tabaco amarrotados, das latas, dos papéis sujos, das garrafas ali deixadas por outros nadadores. Fosse como fosse, a praia estava deserta e a água parecia normal, transparente e calma sobre o leito de areia, mas sem profundidade para se nadar. Para lá do pequeno promontório, as ondas eram agitadas e coroadas com espuma, o que não era um obstáculo para uma nadadora dedicada. Quando cheguei às águas fundas, fui apanhada pela corrente, que me começou a arrastar a grande velocidade para oeste. Próxima paragem, Malta.

É suposto aprendermos com a experiência; mas de que é que isso nos serve se só nos lembrarmos da experiência tarde de mais?

Debatendo-me para voltar à praia, lembrei-me da corrente circular da Ilha Maurícia, que me apanhou e me fez dar uma volta rápida e assustadora àquela ilha. Este tipo de corrente talvez seja uma característica desagradável das grandes ilhas isoladas; o tipo de informação que seria útil saber. Uns minutos antes, dizia a mim mesma para tentar não ser atirada contra o promontório na viagem de regresso; uns minutos depois, fazia os possíveis para ser atirada contra ele e agarrava-me com dedos e unhas, era outra vez levada pela água, voltava a agarrar-me, até conseguir regressar às águas abrigadas. E estava agora sentada no areal, a sangrar suavemente dos arranhões, algo arquejante e desesperada.

Où sont les plages d'antan? Lembro-me de quando as praias não tinham detritos além das algas e eram seguras, e estavam tantas vezes desertas, que eu me despia e era a única pessoa lá. As enseadas em torno das pequenas ilhas das Caraíbas, de águas azuis-turquesas e de um verde do Nilo; baías de Cuba rodeadas de selva; a costa do Golfo e a costa do Pacífico do México; praias rodeadas de pinheiros-mansos ao longo da costa de Var, todo o lado mediterrânico de Itália até cá abaixo à Calábria; a Costa Brava e a praia fantástica de Zarautz; praias maravilhosas no Estado de Washington; quilómetros de areia branca junto ao Oceano Índico no Quênia. A natureza é o meu grande amor; mais concretamente, a bela junção entre o mar e a terra, que se perdera para sempre, conspurcada e arrasada. Eu estava reduzida àquele miserável monte de porcarias às portas de Kastelli. O futuro afigurava-se negro, cor do carvão; não havia sítio para onde valesse a pena ir. Eu devia era parar de viajar.

Parar de viajar? Então?! Aquilo era levar o desespero a um nível ridículo. Já tinha estado em sítios muito piores do que Kastelli. Além disso, milhões de outros viajantes partem com grandes expectativas e acabam simbolicamente entre um sapato encharcado e um bacio cheio de ferrugem. Eu não era única, não fora escolhida para um infortúnio especial. Além do mais, a minha relação com as

viagens era a mesma do leopardo com as suas manchas. Toda a minha vida fora viajante, desde pequena, quando andava nos eléctricos da minha cidade natal, que me transportavam até Samarcanda e Pequim, até ao Taiti e Constantinopla. Os nomes dos lugares eram a magia mais poderosa que eu conhecia. Ainda são. E lancei-me de cabeça à coisa desde o meu vigésimo primeiro ano, altura em que decidi que era boa ideia conhecer todos os lugares, todas as coisas e toda a gente, e escrever sobre isso.

Precisava de espevitatar, e nada como um bom monólogo para resolver a questão. Se não consegues aprender com a experiência, pelo menos usa-a. Que tens feito com a tua longa e rica experiência de viagens horrorosas e de ir parar a lixeiras como esta? De que é que serve lamentares-te; trata mas é de ir trabalhar. O trabalho é o melhor remédio para o desespero. OK. Muito bem. Combinado. Mas primeiro, toca a sair de Kastelli.

O problema é que a experiência de nada serve quando não há memória. Os escritores de viagens sérios não só vêem e compreendem tudo o que os rodeia como dominam e sabem cruzar referências eruditas de História, literatura e viagens relacionadas. Eu nem sequer me lembrava de onde tinha estado. Acho que nasci com memória fraca, da mesma forma que se pode nascer com coração ou tornozelos fracos. Esqueço-me dos sítios, das pessoas, dos acontecimentos e dos livros, com a mesma facilidade com que os leio. As paisagens magníficas, a maior alegria de viajar, esbatem-se. E o mesmo se passa com as datas. Em que ano?, em que mês? Não adianta, é inútil. Ainda aguardo por aquela altura prometida da vida, que se diz chegar com o avançar da idade, em que nos esquecemos do que comemos ao pequeno-almoço, mas em que o passado ganha uma clareza cintilante, à semelhança de um espectáculo multimédia pessoal. Sei exactamente o que comi ao pequeno-almoço, se tentar consigo reconstituir os principais acontecimentos do mês passado, mas para além disso o passado encontra-se envolto em nuvens atravessadas por alguns feixes de luz.

Os pontos mais baixos de algumas viagens horrorosas são inesquecíveis, mas eu precisava de pormenores. Pela primeira vez na vida, comecei a vasculhar papéis antigos, numa arqueologia de sala de estar. Tal como uma pedra que rola sem nunca ganhar musgo, um escritor errante guarda poucos papéis. Tenho cartas dirigidas à minha mãe, que na sua sensatez terá guardado uns dez por cento da avalanche total, e nove diários que rabisquei apenas para me lembrar por onde andei em determinado ano e para os quais nunca mais olhei, e algumas notas confusas e textos dispersos, publicados ou inéditos. Vasculhar aquelas coisas deixou-me infeliz. Mesmo quando os vislumbres do passado eram engraçados também me causavam tristeza porque aqueles anos se foram e com eles as pessoas. E a minha memória ficava cada vez mais — e não menos — confusa. Pareceu-me que se exigia uma abordagem diferente.

Antes de seleccionar as melhores de entre as piores viagens, tinha de me lembrar dos países onde estive. Ou seja, onde permaneci tempo suficiente para aprender alguma coisa da vida e dos costumes locais. Não países como a Índia (na altura ainda era Índia): aterrei em Carachi, olhei de relance para as vacas e para a pobreza escabrosa das crianças, e corri para o aeroporto pelo caminho mais rápido com o intuito de fugir. Ou como a Guiana Francesa, onde passei umas míseras três horas de repugnância. Ou como a Venezuela ou as Filipinas, amnésia absoluta. Foi um trabalho lento. A meio da noite lembrava-me sempre de mais um país. Por fim, dei a minha lista por completa: cinquenta e três países, o que inclui todos os estados dos EUA, à excepção do Alasca.

Quando tentei pensar em ilhas, a memória esbateu-se e falhou. O Mar das Caraíbas tem mais ilhas do que uma criança afectada por bexigas tem borbulhas; era mais fácil lembrar-me das quatro ilhas em que não tinha estado, Barbuda, Barbados, Ilha Margarita, Jamaica. E as ilhas gregas, de Corfu a Rodas, com uma série de ilhotas pelo meio, e Capri e a Ísquia e a Sicília e Maiorca e a Ilha de Elba e a Córsega e Gozo e Comino e as Bermudas e Bali e Honolulu

NOTA BIOGRÁFICA

MARTHA GELLHORN nasceu em St. Louis, nos Estados Unidos da América, em 1908. Viveu em cerca de vinte países e foi uma das mais importantes repórteres de guerra do século xx. Acompanhou, como jornalista, praticamente todos os grandes conflitos do seu tempo, desde a Guerra Civil Espanhola à invasão do Panamá pelos EUA em 1989, passando pela Alemanha nazi e pela Guerra do Vietname.

Ficou também conhecida por um *fait-divers* cuja menção a irritava sobremaneira: o seu breve casamento com Ernest Hemingway durante a Segunda Guerra Mundial. Foi a Martha Gellhorn que Hemingway dedicou um dos seus grandes livros, *Por Quem os Sinos Dobram*, e a relação entre os dois inspirou o filme biográfico *Hemingway e Martha*, realizado por Philip Kaufman em 2012.

Além das reportagens que escrevia para a imprensa de referência, como a *Granta*, a *Collier's* ou o *The Guardian*, e que foram reunidas em colectâneas, Gellhorn publicou cinco romances, catorze novelas, duas antologias de contos e um único livro de viagens, *Cinco Travessias do Inferno*, que chega pela primeira vez a Portugal quarenta anos depois da sua publicação original.

Para uma mulher naquela época, ser correspondente de guerra era um trabalho completamente inovador, e Gellhorn levou-o a cabo assumindo um compromisso absoluto com a verdade. «Todos os políticos são chatos, mentirosos e falsos. Eu falo com pessoas», disse, ao explicar o seu interesse pelas vítimas civis da guerra, as baixas «invisíveis». Foi assim que se tornou uma das testemunhas mais importantes do século xx e revolucionou a forma de fazer jornalismo em cenários de conflito. Em 1999 foi criado um prémio em sua homenagem — Martha Gellhorn Prize for Journalism.

Embora se tenha recusado a cobrir a Guerra da Bósnia quando já era octogenária, explicando que lhe faltava a agilidade necessária, aos 87 anos foi para o Brasil fazer investigação e escrever um artigo sobre o homicídio de crianças de rua. Dactilografava agora por instinto, pois já lhe falhava a visão, e era impelida por uma compaixão pelos mais fracos e por uma curiosidade que a velhice não conseguiu esbater. Foi a sua última reportagem. Martha Gellhorn morreu em Londres, em 1998.



NESTA COLEÇÃO

Morte na Pérsia
Anemarie Schwarzenbach
(trad. Isabel Castro Silva)

Uma Ideia da Índia
Alberto Moravia
(trad. Margarida Periquito)

Paris
Julien Green
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Japão É Um Lugar Estranho
Peter Carey
(trad. Carlos Vaz Marques)

Veneza
Jan Morris
(trad. Raquel Mouta)

Caderno Afegão
Alexandra Lucas Coelho

Disse-me Um Adivinho
Tiziano Terzani
(trad. Margarida Periquito)

Nova Iorque
Brendan Behan
(trad. Rita Graña)

Histórias Etiópes
Manuel João Ramos

Na Síria
Agatha Christie
(trad. Margarida Periquito)

A Viagem dos Inocentes
Mark Twain
(trad. Margarida Vale de Gato)

Viva México
Alexandra Lucas Coelho

Jerusalém — Ida e Volta
Saul Bellow
(trad. Raquel Mouta)

Caminhar no Gelo
Werner Herzog
(trad. Isabel Castro Silva)

Cartas do Meu Magrebe
Ernesto de Sousa

Viagem de Autocarro
Joseph Pla
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Colosso de Maroussi
Henry Miller
(trad. Raquel Mouta)

O Murmúrio do Mundo
Almeida Faria

Viagem a Tralalá
Wladimir Kaminer
(trad. Helena Araújo)

Histórias de Londres
Enric González
(trad. Carlos Vaz Marques)

Os Primos da América
Ferreira Fernandes

Cadernos Italianos
Eduardo Pitta

Um Gentleman na Ásia
Somerset Maugham
(trad. Raquel Mouta)

Mais Um dia de Vida —
Angola 1975
Ryszard Kapuściński
(trad. Ana Saldanha)

Vai Brasil
Alexandra Lucas Coelho

Dicionário de Lugares Imaginários
Alberto Manguel e Gianni Guadalupi
(trad. Carlos Vaz Marques e Ana
Falcão Bastos)

Hav
Jan Morris
(trad. Raquel Mouta
e Vasco Gato)

Mi Buenos Aires Querido
Ernesto Scboo
(trad. Carlos Vaz Marques)

Histórias de Roma
Enric González
(trad. Rita Almeida Simões)

A Estrada para Oxiana
Robert Byron
(trad. Raquel Mouta)

Dália Azul, Ouro Negro
Daniel Metcalfe
(trad. Susana Sousa e Silva)

Era Uma Vez em Goa
Paulo Varela Gomes

Viagem à Volta do Meu Quarto
Xavier de Maistre
(trad. Carlos Sousa Almeida)

Terra Nullius
Sven Lindqvist
(trad. Luís Mexêdo)

Histórias de Nova Iorque
Enric González
(trad. Raquel Mouta)

Cartas Persas
Montesquieu
(trad. Isabel St. Aubyn)

Sibéria
Olivier Rolin
(trad. Isabel St. Aubyn)

Espanha
Jan Morris
(trad. Raquel Mouta)

Crepúsculo em Itália
D.H. Lawrence
(trad. Paulo Faria)

Carnaval no Fogo
Ruy Castro

Da Amazônia às Malvinas
Beatriz Sarlo
(trad. Rita Almeida Simões)

A Conquista do Inútil
Werner Herzog
(trad. Manuela Ribeiro Sanches)

Constantinopla
Edmondo de Amicis
(trad. Margarida Periquito)

Tempo de Silêncio
Patrick Leigh Fermor
(trad. Alda Rodrigues)

Manhattan '45
Jan Morris
(trad. Paulo Faria)